

REVISÃO DE LITERATURA

A terceira onda variacionista: continuidade ou descontinuidade de fases?

Marcela Langa LACERDA 

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Edair Maria GÖRSKI 

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Carla Regina Martins PAZA 

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Raquel Freitag (UFS)

AVALIADO POR

- Livia Oushiro (UNICAMP)

- Athany Gutierrez (UFFS)

SOBRE OS AUTORES

- Marcela Langa Lacerda

Conceptualização, Escrita –
rascunho original e Escrita –
análise e edição.

- Edair Maria Görski

Conceptualização, Escrita –
rascunho original e Escrita –
análise e edição.

- Carla Regina Martins Paza

Conceptualização, Escrita –
rascunho original e Escrita –
análise e edição.

DATAS

- Recebido: 21/09/2022

- Aceito: 20/12/2022

- Publicado: 12/01/2023

COMO CITAR

Lacerda, M. L.; Görski, E. M.;
Paza, C. R. M. (2022). A terceira
onda variacionista: continuidade
ou descontinuidade de fases?
Revista da Abralín, v. 21, n. 1, p. 1-
27, 2022.

RESUMO

A sistematização dos estudos da sociolinguística variacionista em três ondas (ECKERT, 2012), ou fases, organiza, de certo modo, os trabalhos que vêm sendo realizados na área desde a década de 1960. Refinando essa sistematização, este artigo objetiva discutir a (in)adequação epistemológica (e teórico-metodológica, por conseguinte) da aproximação entre as ondas com base em argumentos favoráveis e desfavoráveis à ideia de continuidade/complementariedade entre as fases. De cunho interpretativista, esta investigação constitui-se como pesquisa bibliográfica e examina Eckert (2000; 2008; 2016a; 2016b; 2018; 2022 [2012]), Labov (2001, 2010), Eckert e Rickford (2001), Coupland (2001; 2007, 2014); Camacho (2013; 2015), Bell (2001; 2014; 2016), Eckert e Labov (2017), Hernández-Campoy (2019; 2020), dentre outros autores. As reflexões apontam para a possibilidade de duas diferentes interpretações sobre a relação que se estabelece entre as diferentes fases variacionistas: por um lado, a de que há um *continuum* epistemológico entre as três fases, de modo que seus preceitos se encontrariam integrados, na terceira onda, ensejando uma teoria de variação robusta; por outro lado, a de que “não” há um *continuum* epistemológico entre as três fases, uma vez que a primeira fase se harmonizaria com procedimentos de uma abordagem estrutural e a terceira

fase, com procedimentos de uma abordagem antropológico-discursiva, ensinando, essa última, uma teoria de variação robusta pelos aspectos que lhe são constitutivos (e não por uma integração de preceitos das três fases). Diante da discussão desenvolvida, destacamos a relevância de a área se debruçar sobre esse controverso ponto metateórico.

ABSTRACT

The systematization of the studies of variationist sociolinguistics in three waves (ECKERT, 2012), or phases, organizes in a way the work that has been carried out in the area since the 1960s. Refining this systematization, this article aims to discuss the epistemological (and therefore theoretical-methodological) (in)adequacy of the approximation between the waves based on favorable and unfavorable arguments to the idea of continuity/complementarity between the phases. This investigation has an interpretative nature, constitutes a bibliographic research and examines Eckert (2000; 2008; 2012; 2016a; 2016b; 2018), Labov (2001, 2010), Eckert and Rickford (2001), Coupland (2001; 2007, 2014); Camacho (2013; 2015) Bell (2001; 2014; 2016), Eckert and Labov (2017), Hernández-Campoy (2019; 2020), among other authors. The reflections point to the possibility of two different interpretations about the relationship established between the different variationist phases: on the one hand, one interpretation is that there is an epistemological continuum between the three phases, so that its assumptions would be integrated in the third wave, leading to a robust theory of variation; on the other hand, another interpretation is that there is no epistemological continuum between the three phases, since the first phase would harmonize with procedures of a structural approach and the third phase would harmonize with procedures of an anthropological-discursive approach, leading to a robust theory of variation by the aspects that are constitutive to its (and not by an integration of assumptions of the three phases). In view of the discussion carried out, we highlight that it is relevant for the area to consider this controversial metatheoretical point.

PALAVRAS-CHAVE

Fases variacionistas. Epistemologia. Continuidade. Descontinuidade.

KEYWORDS

Variationist phases. Epistemology. Continuity. Discontinuity.

RESUMO PARA NÃO ESPECIALISTA

A Sociolinguística Variacionista é um campo de estudos científicos inaugurado na década de 1960, voltado para a relação entre o fenômeno da linguagem e a configuração da sociedade. Esse campo vem passando por mudanças, ao longo dos anos, acompanhando as complexas transformações que ocorrem na sociedade. Em termos gerais, neste texto promovemos um debate sobre o seguinte ponto: (i) nessas mudanças, o modo de se orientar para a realidade permanece o mesmo, de modo que a abordagem apresenta uma continuidade entre suas diferentes fases, mantendo-se unificada; ou (ii) essas mudanças indiciam outro modo de se orientar para a realidade, havendo, assim, descontinuidade entre as fases? Trata-se de uma discussão importante, porque, além de produzir conhecimento sobre uma questão de linguagem, também produz conhecimento sobre a organização social, visto que temos que discutir, por exemplo, como a participação dos sujeitos em diferentes práticas sociais constitui suas identidades, a fim de compreender como os usos linguísticos (fator identitário) derivam dessas práticas e também as organizam.

Introdução

A sistematização dos estudos da sociolinguística variacionista (SV) em três ondas (ECKERT, 2022 [2012]), ou fases, embora não esgote o leque de possibilidades de estudos que podem ser abrigados sob o escopo da SV, inegavelmente organiza os trabalhos que vêm sendo realizados na área desde a década de 1960. O refinamento dessa sistematização, especialmente com foco na terceira onda (ECKERT, 2016a; 2018), tem repercutido em um questionamento de caráter metateórico¹, notadamente no que diz respeito às ondas serem contínuas/complementares ou descontínuas/rupturantes. É desse questionamento que se ocupa este artigo, desenvolvido em torno do seguinte objetivo: discutir a (in)adequação epistemológica (e teórico-metodológica, por conseguinte) da aproximação entre as ondas com base em argumentos favoráveis e desfavoráveis à ideia de continuidade/complementariedade entre as fases.

É importante ressaltar, de início, que: i) a ideia de ondas variacionistas se pauta em dois critérios – o “significado social” e a “prática analítica” –, como afirma Eckert (2022 [2012], p. 268): “[o] tratamento do significado social na variação sociolinguística organizou-se em três ondas de prática analítica”, identificadas, respectivamente, como era *survey*, abordagem etnográfica e perspectiva estilística; e ii) as ondas acompanham, em alguma medida, o movimento de mudanças observadas na sociedade contemporânea,

¹ Por “metateoria” ou “epistemologia” fazemos referência a pressupostos subjacentes ou anteriores ao fazer científico e que orientam os diferentes *designs* (teoria e metodologia) de pesquisa (FIGUEROA, 1994; MILROY; GORDON, 2003; KENDALL, 2013).

bem como a ressignificação e o reposicionamento na área das dimensões linguística, social e estilística que constituem a variável sociolinguística (HERNÁNDEZ-CAMPOY, 2016).

Antes de nos centrarmos na discussão acerca da interligação entre as ondas, descrevemos, brevemente, as principais características dos estudos que se situam nessas três fases, conforme literatura referenciada neste texto. Estudos de primeira onda se ocupam de análises quantitativas correlacionais com vistas a identificar padrões sociolinguísticos gerais e regulares numa comunidade de fala, tendo como foco a variável linguística e seus condicionadores linguísticos, sociais e estilísticos. A sociedade é vista como estratificada em macrocategorias relativamente fixas na hierarquia socioeconômica; o estilo é atrelado a níveis de formalidade decorrentes de graus de atenção prestada à fala; e as análises se baseiam na correlação entre classe e estilo no condicionamento da variação linguística, associada a valores de prestígio e estigma tendo como referência a norma-padrão. O estudo pioneiro e modelar dessa prática analítica é o de Labov (2006 [1966]) sobre a estratificação social do inglês em Nova York.

Estudos de segunda onda buscam, sob um olhar etnográfico, identificar a dinâmica local da variação fortemente vinculada a aspectos identitários, a partir de categorias demográficas e socioculturais que emergem localmente, em redes sociais ou em comunidades de práticas. Embora também tenham como foco a variável linguística e seus condicionadores linguísticos, sociais e estilísticos, o estilo é visto como ato de afiliação a determinado grupo, e traços vernaculares são valorados positivamente, pois são considerados expressão de identidade local ou de classe/grupo. Entre os estudos representativos dessa fase variacionista, destacam-se, entre outros, o de Milroy (1980) sobre redes sociais de indivíduos da classe trabalhadora em Belfast (Reino Unido), correlacionando tipos de redes com uso de variantes vernaculares; e o de Eckert (2000) sobre a fala de adolescentes em duas comunidades de práticas escolares em Detroit (EUA), mostrando que as variantes carregam valores sociais distintos de acordo com valores socioculturais do grupo (dos *jocks* e dos *burnouts*).

Estudos de terceira onda² deixam os modelos estruturais de sociedade (da fase inicial da teoria da variação) por uma visão de variação como prática social, interessando-se pelo significado social da variação a partir de práticas estilísticas intersubjetivas no cenário social que integra sistemas ideológico-culturais. Nessa fase, as dimensões social e estilística se integram na (re)construção e projeção de personas/identidades de sujeitos agentivos, as quais não só refletem o lugar que esses sujeitos ocupam na sociedade, mas buscam (re)construir o significado social e, com isso, contribuir, em alguma medida, com movimentos de mudanças na sociedade (ECKERT, 2016a). O foco desses estudos é o significado socioestilístico³ da variável linguística, que indexaliza posturas, características, atividades/papéis dos sujeitos. Como estudos representativos, temos, entre outros, o de Zhang (2005) sobre variação fonológica e a construção de uma nova

² Sabe-se que a literatura dos estudos de terceira onda é ampla e heterogênea, de modo que pode haver alguns dissensos (teóricos e/ou metodológicos) entre os estudos. As considerações deste texto, portanto, são sobre a literatura referenciada e não sobre toda a terceira onda.

³ Embora a literatura examinada não utilize esse termo, estamos, aqui, usando-o para salientar que “é no nível do “estilo” que a variação se conecta significativamente com o “social” (ECKERT, 2016a, p. 6; grifos acrescidos). No original: “it is at the level of style that variation connects meaningfully to the social”.

identidade profissional em Beijing (China), com reflexos na mudança da paisagem social e linguística da cidade; e o de Eckert (2011) sobre a fala de pré-adolescentes, que mostra a correlação entre o fronteamento e a posteriorização de vogais baixas com a expressão de estados emocionais positivo e negativo, respectivamente, salientando que esse uso variável converge com outras características, tais como a cor da roupa e o tipo de maquiagem, traços estilísticos que integram um sistema semiótico mais amplo.

Eckert (2018) considera que o marco que sinaliza efetivamente o início da terceira onda foi o Seminário SLIC (*Style, Language and Ideology Cooperative/Collaborative*), realizado no período acadêmico de 1999–2000 na *Stanford University* (EUA), que reuniu uma série de sociolinguistas e linguistas antropólogos, dentre os quais, além da própria Eckert: John Rickford, Mary Bucholtz, Nikolas Coupland, Susan Gal, Kira Hall e Judith Irvine; e os pós-graduandos à época: Sarah Benor, Kathryn Campbell-Kibler, Andrea Kortenhoven, Robert Podesva, Jacqueline Rahman, Sarah Roberts, Mary Rose, Jennifer Roth-Gordon, Devyani Sharma, Julie Sweetland, Andrew Wong e Qing Zhang – grupo que, segundo a autora, é “o coração da Terceira Onda”⁴. Eckert pontua que esse seminário foi o polo irradiador das ideias ali discutidas para outros centros acadêmicos.⁵

As reflexões acerca do caráter contínuo/complementar (Seção 1), ou descontínuo/rupturante das ondas (Seção 2) são desenvolvidas, a seguir, estabelecendo uma angulação a partir da terceira onda, tendo como norte os dois aspectos ressaltados no parágrafo precedente.

1. As ondas vistas como um movimento contínuo

O estabelecimento do marco interdisciplinar no Seminário SLIC e as passagens a seguir são o gatilho para as reflexões desenvolvidas nesta seção.

A Terceira Onda se constrói sobre as ondas anteriores, estendendo a visão dos padrões macrossociais abstratos que representam o ‘nível alto’ da estrutura da sociedade para padrões locais e concretos do uso da língua nos quais a variação ganha significado social (ECKERT, 2016a, p. 01).⁶

⁴ No original: “they are the heart of the Third Wave”.

⁵ Note-se, porém, como sinaliza Eckert (2018), que algumas das ideias que caracterizam a Terceira Onda já estavam embrionárias em estudos anteriores, como o de Labov (1972 [1963]) em *Martha’s Vineyard*, em que o autor discute o significado social da variação, e o de Trudgill (1972), que aborda a noção de prestígio encoberto, que pode ser vista como um caso de ordem indexical (SILVERSTEIN, 2003).

⁶ No original: “It [the Third Wave] builds on the earlier waves, extending the view from the abstract macrosocial patterns representing the “high level” structure of society to the local and concrete patterns of language use in which variation takes on social meaning.”

[C]ada onda refina aspectos da anterior, mas sempre foi claro que as ideias básicas de cada onda sempre estiveram implícitas nas ondas anteriores [...] e o acúmulo de evidências em cada uma possibilitou mais trabalho na seguinte (ECKERT, 2018, p. xi-xii).⁷

Dois aspectos importantes se destacam nos parágrafos anteriores: a datação do início da terceira onda; e a ideia de que cada onda parece não romper com a onda precedente.

A datação, que em um primeiro momento pode ser vista como sinalizando uma ruptura, deve ser entendida como um marco simbólico representado por um evento acadêmico institucional e interdisciplinar organizado especificamente para discutir questões consideradas centrais nessa nova abordagem⁸, e não como surgimento abrupto de uma nova perspectiva teórica. É fato que as três ondas guardam uma certa cronologia – Hernández-Campoy (2016) situa a primeira onda nos anos 1960, a segunda onda nos anos 1980 e a terceira onda nos anos 2000 –, mas isso não significa i) que uma onda tenha vindo tomar o lugar da outra; ii) ou que não tenham existido estudos mais antigos que já anteviam certos aspectos que viriam a ressurgir fortemente como interesse central em estudos mais recentes; iii) ou ainda que não houvesse investigações que se situem no entremeio das ondas. Nesse sentido, a questão da datação deve ser relativizada.

A visão de que as ondas não são estanques parece ser acentuada nas referidas citações, ao considerarem que cada onda se constitui como refinamento de alguma noção que já estava embrionária em estudos variacionistas anteriores, sem ignorar a bagagem acumulada até então. Retomando as palavras de Eckert (2018) na citação anterior: “as ideias básicas de cada onda sempre estiveram implícitas nas ondas anteriores” e, em alguma medida, como já dito, refletem o movimento de mudanças observadas na sociedade contemporânea⁹.

As categorias sociais apresentavam-se mais estáveis e os indivíduos tinham menor mobilidade (física, virtual, social) na sociedade das décadas de 1960 e 1970. Já nas últimas décadas, temos vivido mudanças culturais e econômicas que têm impactado as estruturas sociais conhecidas, e os indivíduos, em teoria, estariam mais livres de estruturas como religião, tradição, moralidade, podendo reflexivamente fazer escolhas sobre seus estilos de vida (HALL, 2015; VANDENBERGHE, 2014).

Tais mudanças sociais afetam o fazer sociolinguístico, deslocando o olhar das macrocategorias mais estáveis para os movimentos fluidos que ocorrem nas práticas sociais e linguísticas. A esse respeito, Bell (2016)

⁷ No original: “each wave refines aspects of the previous one, but it has always been clear that the basic ideas of each wave have always been implicit in the earlier waves [...] the accumulation of evidence in each wave made more work possible in the next”.

⁸ Em uma linha de pensamento similar à que situa oficialmente o estabelecimento da Sociolinguística como área da Linguística, em uma Conferência realizada em 1964, em *Lake Arrowhead*, Califórnia, a qual originou desdobramentos importantes nesse mesmo ano (SHUY, 2003).

⁹ Coupland (2016), usando o termo “mudança sociolinguística”, alerta para o fato de que sociolinguistas não podem agir como se as mudanças linguísticas ocorressem em estruturas sociais fixas e que perduram ao longo do tempo, como se fatores sociais e culturais (forças motrizes das mudanças) não mudassem também.

ressalta que a dialética entre estrutura e agência merece centralidade na Sociolinguística, já que “[m]esmo no meio mais regimentado, há espaço para a agência humana criar algo novo” (BELL, 2016, p. 399)¹⁰.

Feita essa contextualização inicial, abordamos, a seguir, a questão do significado social da variação e do reposicionamento das dimensões da variável sociolinguística na centralidade do campo; e as práticas analíticas que caracterizam as diferentes ondas variacionistas.

1.1. O significado social da variação

O foco das pesquisas sociolinguísticas, desde o surgimento da área, está na correlação entre os usos linguísticos e a sociedade, considerando que as formas linguísticas em variação portam “significado social”. Contudo, ao longo das mais de seis décadas de estudos, o lugar e o peso dado ao significado social foram mudando, juntamente com o reposicionamento das três dimensões que, conforme salienta Hernández-Campoy (2016), integram a variação sociolinguística: a variação linguística (intra-linguística), a variação social (interfalante) e a variação estilística (intrafalante). Esta última, tendo recebido *status* relativamente marginal nos estudos sociolinguísticos iniciais, passa a ganhar centralidade nos estudos da área (BELL, 2014), sendo que a variação estilística

de lugar periférico e a reboque de macrocategorias sociais onde atua como parâmetro correlacional independente (primeira onda), passa a ser associada a categorias demográficas e socioculturais locais, expressando significados identitários de grupo (segunda onda) e, por fim, confunde-se com a própria variação linguística, sendo colocada como ponto central nos estudos de práticas estilísticas em que os indivíduos, de forma agentiva, constroem e projetam identidades ou personas num contexto em que diversos sistemas ideológicos e culturais compõem o cenário social (terceira onda) (GÓRSKI; VALLE, 2019, p. 98-99).

Esse reposicionamento da dimensão estilística está intimamente correlacionado com o realinhamento do significado social. A princípio, associado a macrocategorias sociais (tais como gênero, idade, região, classe social) e pensado na chave da oposição prestígio-estigma na primeira onda, o significado social passa a ser associado, na segunda onda, a grupos sociais locais que utilizam determinadas formas linguísticas em variação para marcar suas identidades. E, na terceira onda, o significado social emerge nas práticas linguística situadas, a partir de inferências sobre as características, posturas e atitudes individuais dos interlocutores no momento da interação, enquanto manifestam suas personas (HALL-LEW; MOORE; PODESVA, 2021).

Nesse sentido, diferentemente da primeira onda, em que a “variação reflete a estrutura social”, e da segunda, em que “a variação reflete a interação entre categorias locais e a estrutura social”, na terceira onda, “a variação não reflete, mas (re)constrói o significado social”: “[a] abordagem da variação a partir da perspectiva de significados traz à tona questões sobre o leque de significados que as variáveis podem expressar,

¹⁰ No original: “Even in the most regimented milieu, there is room for human agency to create something new.”

e sobre como a variação interage com outros sistemas de significado na língua” (ECKERT, 2018, p. 190)¹¹. Eckert (2018) enfatiza que o significado social da variação, em todo seu dinamismo e indeterminação, é colocado no centro dos interesses da terceira onda e, dentre os temas salientes elencados por ela nessa fase, destacamos: a construção de personas, a paisagem semiótica, a noção de agência, movimentos estilísticos e a indexicalidade. Nessas abordagens mais amplas, o estilo: i) é visto como coocorrência de traços/recursos estruturados em diferentes semioses (usos da língua, aparência física, vestimenta, gostos e interesses, posturas etc.); e ii) é parte fundamental da (r)interpretação do significado e da (re)construção e projeção de identidades/diferenças dos falantes, seja enquanto indivíduos seja enquanto membros de grupos sociais em razão do significado simbólico das escolhas (HERNÁNDEZ-CAMPOY, 2016).

Neste ponto, a questão que se coloca é: “há ruptura ou continuidade entre as três ondas no modo como entendem e lidam com o significado social”? Antes de responder a questão, é necessário considerar o que estudos recentes têm mencionado a respeito de significado social. O próprio Labov, em artigo recente em parceria com Eckert, aprofunda a discussão, assinalando que o significado da variação é puramente social, no sentido de que indexa “[...] algo sobre o falante como ator social na situação de fala. É a essa “associação indicial” que nos referimos quando falamos de significado social”¹² (ECKERT; LABOV, 2017, p.3, grifo nosso). Os autores chamam a atenção para a necessidade de reunir estudos sobre “produção e percepção” quando o foco é a observação dos significados sociais, já que esses se (re)constroem na interação entre falantes e ouvintes. Salientam ainda que os significados sociais não são fixos, mas dinâmicos, compondo campos indiciais (ECKERT, 2008) com potenciais significados acionados por falantes e ouvintes no momento da interação situada. Nos termos de Eckert, (2018, p. 140), “temos que ver a linguagem e o mundo social – incluindo as localizações sociais que fornecem nosso mapa ideológico do mundo – como uma produção humana contínua”¹³, o que envolve a “noção de dinamicidade”.

Nessa mesma direção, Hall-Lew, Moore e Podesva (2021), na introdução do livro “Social Meaning and Linguistic Variation: Theorizing the Third Wave”, acrescentam que as inferências que podem ocorrer nas práticas estilísticas são múltiplas e, por isso, os significados sociais são, em essência, indeterminados. A “determinação dos significados”, mesmo que relativamente vaga, somente ocorre no momento de uso, levando em conta as ideologias relevantes no contexto, o que significa que “embora todas as formas linguísticas tenham o potencial de acionar significado social, uma forma só o faz quando nosso sistema de ideias e crenças cria uma ligação entre a forma e um tipo de

¹¹ No original: “Approaching variation from the perspective of meaning raises questions about the range of meanings variables can carry, and about how variation interacts with other meaning systems in language.”

¹² No original: “[...] index something about the speaker as a social actor in the speech situation. It is this indexical association that we refer to when we speak of social meaning.

¹³ No original: “we have to view language and the social world – including the social locations that provide our ideological map of that world – as a continuous human production.”

significado social (como postura, persona ou tipo social)”¹⁴ (HALL-LEW; MOORE; PODESVA, 2021, p. 5). Ademais, os autores argumentam que, ainda que as inferências sobre os indivíduos, ou sobre as características que os interlocutores evocam, se deem na prática situada, os tipos sociais também estão relacionados a construções ideológicas mais amplas e fixas, como classe, etnia e gênero. Conforme aponta Eckert (2018), uma variável nunca ocorre sozinha e sua construção/interpretação está encaixada numa “construção/interpretação multicamadas” mais ampla, envolvendo performatividade, práticas, atos, atitudes e indexicalidade. Por exemplo,

[...] uma variável pode claramente indicar etnia. Mas a etnia está inserida em um conjunto mais amplo de significados sociais. Ninguém é apenas chicano, ou anglo, preto ou branco. As pessoas são ricas, pobres, legais, não legais, mesquinhas, bons alunos, maus alunos, encenqueiros, amigos, inimigos e assim por diante. E essas qualidades e muitas outras podem estar em jogo a qualquer momento de construção/interpretação da variável.¹⁵ (ECKERT, 2018, p. 166).

Voltando agora ao questionamento lançado anteriormente, ponderamos nesta seção que é possível considerar que, apesar da emergência dos significados sociais ocorrer na interação entre interlocutores no momento das práticas linguísticas situadas, tais significados, se mais rotinizados, podem se espriar e ser percebidos na observação e controle de categorias mais amplas e, por isso, um diálogo na perspectiva da continuidade entre as ondas é possível.

Trazendo novamente Eckert e Labov (2017) para a conversa, observamos que os pesquisadores ressaltam que correlações macrossociais (classe, idade, gênero, etnia, por exemplo) não são em si indicações de significado social, mas seriam emergentes de outros significados construídos em nível mais local e, em última análise, também seriam decorrentes de significados estabelecidos na interação entre interlocutores, destacando o papel de indivíduos com potencial para impulsionar a convencionalização de novos significados sociais:

Tomamos como evidência de significado social um padrão de variação ao longo de algum aspecto de diferenciação no contexto social local. Assim, encontramos significado social onde as variáveis mudam significativamente em ambientes e situações sociais locais, em diferentes comunidades de prática e no discurso de indivíduos que se destacam como excepcionais ou prototípicos. (ECKERT; LABOV, 2017, p.5)¹⁶.

¹⁴ No original: “[...] while all linguistic forms have the potential to signify social meaning, a form only does so when our system of ideas and beliefs creates a link between the form and a type of social meaning (such as stance, persona, or social type).”

¹⁵ No original: “[...] a variable that clearly indexes ethnicity. But ethnicity is embedded in a broader set of social meanings. Nobody is ever just Chicano, or Anglo, Brown or White. People are rich, poor, cool, uncool, nice, mean, good students, bad students, trouble-makers, teacher’s pets, friends, enemies and on and on. And any number of these qualities and many many more may be at play at any moment of construal”.

¹⁶ No original: “We take as evidence of social meaning a patterning of variation along some aspect of differentiation in the local social context. Thus, we find social meaning where variables shift significantly across local social settings and situations, across different communities of practice, and in the speech of individuals who stand out as exceptional or prototypical.”

Os autores ainda consideram que os usos e significados estabelecidos a nível individual podem ser responsáveis por distinções encontradas nos padrões de comunidades mais amplas (locais e mais macro). Ainda, em concordância com Eckert (2018) e do ponto de vista da complementariedade entre ondas, entendemos que a metáfora das três ondas não deva ser tomada como uma sequência em que cada onda substitui a anterior, mas como um movimento contínuo de refinamento em que “[...] as ideias básicas de cada onda sempre estiveram implícitas nas ondas anteriores.”¹⁷ (ECKERT, 2018, xi). Ademais, a autora assinala a relevância do estudo de Martha’s Vineyard como precursor dos estudos de terceira onda e pontua que aspectos relacionados à agência e o foco no significado social existiram desde os estudos iniciais, ainda que tenham sido explorados ou explicitados com menos fôlego.

1.2. Sobre práticas analíticas

O questionamento que orienta as reflexões nesta subseção é o seguinte: estariam as práticas analíticas características das ondas variacionistas necessariamente desarticuladas entre si? Em outras palavras, a busca pelo significado socioestilístico de variáveis linguísticas seria necessariamente determinado pelo enquadre do estudo na perspectiva de uma dada onda? Seguindo a linha de argumentação que orienta a Seção 1, a resposta é: não. Esse posicionamento é respaldado por autores como Eckert e Rickford (2001), Bell (2014), Coupland (2014), Hernández-Campoy (2019; 2020) e Hall-Lew, Cardoso e Davis (2021), como observamos a seguir.¹⁸

Eckert e Rickford (2001, p. 5-6) afirmam que a divisão entre restrições sociais e estilísticas é altamente permeável; que as diferentes visões sobre estilo não são contraditórias ou mutuamente exclusivas; e que considerar essas diferentes visões nos estudos variacionistas leva-nos a pensar que a língua deixa de apenas refletir o social, para, também, criá-lo.

Bell (2014) distingue: i) uma abordagem micro – que concebe o estilo como parte da variação linguística, em que as variantes se alternam em reação a contextos linguísticos altamente específicos, distribuídos num continuum de formalidade; e ii) uma abordagem macro – que concebe o estilo como uma escolha pró-ativa de uma gama de níveis linguísticos que envolve desde microvariáveis de pronúncia até o discurso mais amplo ou padrões de gênero, bem como fatores situacionais. Tais abordagens, no entanto, não são necessariamente excludentes como ressalta o autor: nas duas últimas décadas tem havido um “cruzamento crescente e frutífero entre os [níveis]” (BELL, 2014, p. 297).

Coupland (2014, p. 294) defende que “uma análise de estilo deve ser holística, atenta a múltiplas dimensões de significado simultaneamente”¹⁹ e considerar diferentes instrumentalidades/formas

¹⁷ No original: “[...] the basic ideas of each wave have always been implicit in the earlier waves.”

¹⁸ Alguns desses autores argumentam basicamente a partir da dimensão estilística, mas podemos estender essa reflexão também para o significado social da variação.

¹⁹ No original: “[a] style analysis has to be holistic, attentive to multiple dimensions of meaning concurrently.”

comunicativas. Nessa mesma direção, Hernández-Campoy (2019, p. 12) considera que o estilo é um fenômeno multidimensional complexo que não pode ser modelado em uma única teoria unidimensional; e que os estudos estilísticos devem avançar por meio de abordagens multidimensionais, multidisciplinares e interdisciplinares.

Hall-Lew, Cardoso e Davis (2021) analisam uma mesma variável fonética, buscando mostrar como “as três ondas das pesquisas sobre variação e mudança linguística funcionam melhor em conjunto”, evocando a proposta original de Eckert (2005) de que “as três ondas são parte de um todo”²⁰ (HALL-LEW; CARDOSO; DAVIS 2021, p. 29). Analisando correlações entre restrições internas e externas com base em categorias de Censo (primeira onda), categorias sociais derivadas de trabalho de campo etnográfico (segunda onda) e análise indexical baseada tanto em observações etnográficas como em padrões de variação intrafalante (terceira onda), as autoras argumentam em favor da necessidade de acionar as três perspectivas para uma compreensão mais completa do fenômeno em variação.

Chegamos, assim, à noção de abordagens multidimensionais e multicamadas. Abordagens multidimensionais consideram uma ampla gama de fatores que interferem na variação estilística: interlocutores/público, tópico, configuração das situações interacionais, grupos sociais, gêneros discursivos, fatores prosódicos etc., mas especialmente o ponto de vista do falante sobre seu lugar no mundo e sobre sua relação com outra pessoa (ECKERT, 2000; 2001; SCHILLING, 2013a). Labov (1984, p. 29) também estava atento a essa questão quando afirmava que

[a]lternância estilística compreende qualquer alteração consistente, ‘qualitativa ou quantitativa’, do uso das formas linguísticas pelo falante, associada à alteração [de certos elementos da situação comunicativa], tais como o tópico, os interlocutores, o canal ou o ‘contexto social mais amplo’. (grifos acrescentados).

A ideia de multicamadas está presente nos estudos de terceira onda quando consideram que i) prática estilística, variação linguística, significado social, identidades/personas e cenário social estão integrados num movimento articulado; e que ii) as variáveis linguísticas indexicalizam identidades/personas, características/posturas e ideologias, sem, no entanto, se descolarem das categorias macrosociológicas (KIESLING, 2013). Nos termos de Eckert, a variação “tem a ver com lugares concretos, pessoas, estilos [...]. Ao mesmo tempo, essas coisas locais concretas são o que constitui amplas categorias culturais como gênero, classe, etnia, região” (ECKERT, 2000, p. 4). E, salienta a autora, os significados associados a variantes no nível mais local não emergem “sem relação a padrões sociais mais amplos” (p. 24)²¹.

²⁰ No original: “the three waves of language variation and change research work best in tandem, as Eckert has asserted since her original proposal (e.g., ‘all three waves are part of a whole’, Eckert 2005)”.

²¹ No original: [Variation] “has to do with concrete places, people, styles, and issues. At the same time, these concrete local things are what constitute broad cultural categories such as gender, class, ethnicity, region [...] with no relation to larger social patterns.

Por fim, evocamos novamente Hernández-Campoy (2020, p. 31), ao considerar que as pesquisas sociolinguísticas têm deslocado “o foco de atenção da coletividade para a individualidade; da generalidade da média estatística à singularidade do desvio da média; [dos estudos de larga escala] ao uso individual do ‘case study’; do reativo ao agentivo ou criativo; do responsivo ao iniciativo ou proativo”. O autor defende que,

[...] além dos tradicionais estudos de grande escala, os ‘case studies’ são de muita utilidade, de modo complementar, mas não como alternativa. Após observar comunidades de fala, colocar um entrevistado concreto sob a lente do microscópio pode ser muito revelador. [...] Porém, como complemento a onde os macro-estudos não podem chegar, pois esses casos individuais, que costumam ser personagens midiáticos, não são o comum dos meros mortais em termos de representatividade. (HERNÁNDEZ-CAMPOY, 2020, p. 32).

Acreditamos que a ideia de que as práticas analíticas e a busca pelo significado socioestilístico características das diferentes ondas variacionistas não são desarticuladas entre si, nem determinadas pelo enquadre do estudo na perspectiva de uma dada onda, tenha sido satisfatoriamente substanciada pelas reflexões apresentadas nesta subseção.

2. As ondas vistas como um movimento *descontínuo*²²

Diferentemente da seção anterior, nesta, ofertamos um novo ângulo interpretativo sobre os mesmos pontos abordados precedentemente, a fim de argumentar que parece haver, sim, ruptura epistemológica entre, especialmente, os pressupostos da primeira e da terceira fases variacionistas²³. O que precisa, contudo, ser deslindado, de saída, é o que entendemos por “ruptura” ou “descontinuidade”, nesta argumentação. Começando, então, pelo que isso “não” significa, destacamos quatro pontos, conforme a seguir.

]

²²Nesta seção, boa parte das considerações retoma a importante obra organizada por Eckert e Rickford (2001), na qual encontramos reflexões de Bauman (2001), Bell (2001), Coupland (2001), Irvine (2001), Rickford e Eckert (2001), dentre outros, muitas das quais são retomadas em Eckert (2018) e também em Hall-Lew, Moore e Podesva (2021). Além disso, boa parte das considerações desta seção tem por base o trabalho de Bragança (2017).

²³ Dado o recorte deste texto, pouco nos referiremos aos estudos de segunda onda, nesta seção. Interessante notar, contudo, que, se a terceira fase emerge de modo mais sistematizado no Seminário SLIC, o que temos para a segunda onda, como marco inaugural, são estudos realizados aqui e acolá.

2.1. Sentidos que a noção de “ruptura” ou “descontinuidade” não evocam

Em primeiro lugar, depreender da literatura da SV que há “ruptura” ou “descontinuidade” epistemológica entre as fases não significa que estamos dizendo que uma fase pode substituir a outra, considerando que (justamente por conta da diferença epistemológica, da diferença de perguntas que são feitas e de métodos para respondê-las) os interesses são diferentes. Nesse sentido, o esperado é que cada uma das fases siga se desenvolvendo e se complexificando; e é precisamente por isso que podemos admitir que as fases não são alternativas, mas complementares, conforme argumentação mesma de Hernández-Campoy (2020), apresentada precedentemente. A complementariedade, contudo, é lida aqui no sentido de que todas as fases do campo, em conjunto, produzem conhecimento sobre língua e sociedade, e, especificamente, sobre variação e mudança, sem, contudo, perder-se de vista que há entre as fases diferenças importantes quanto ao modo de concepção, de teorização e de análise linguística.

Em segundo lugar, também por “ruptura” ou “descontinuidade” não estamos considerando que os aspectos abordados na terceira onda sejam inéditos. Falar sobre significado social da variação, o coração da terceira onda, por exemplo, sempre esteve na investigação da SV, a começar pelo clássico estudo de Martha's Vineyard. Mas a questão é que: i) além de esse tópico ter se perdido no pensamento laboviano, uma vez que ele, ao se voltar para métodos de pesquisa em larga escala, “acabou ofuscando – até mesmo suprimindo – os insights do estudo de Martha's Vineyard” (ECKERT, 2018, p. xii), ii) percebe-se que, mesmo quando a terceira fase agencia os mesmos termos da primeira fase, eles (ou parte deles) parecem se apresentar de modo ressignificado, numa nova trama conceitual, não se tratando, portanto, de mera ampliação (conceitual ou metodológica). A diferença, em vista disso, parece ser epistemológica, e o foco da reflexão (sobre a relação entre as fases em tela) não pode estar em tópicos (conceitos e métodos/práticas analíticos) em si, mas em “como e para o quê” esses conceitos e métodos se voltam e com qual interesse, em cada fase.

A título de exemplificação, Eckert e Wenger (2005) consideram que, mais do que o tipo de lócus de análise (se comunidade de fala, se comunidade de prática, se rede social etc.), o que está em questão, quanto às especificidades de cada fase variacionista, são justamente as concepções epistemológicas. Assim, enquanto uma orientação epistemológica mais prototípica dos estudos de primeira onda tende a investigar a relação entre variação e lugar do falante no mundo – talvez por conta da forte influência dos estudos dialetológicos –, os estudos de terceira onda tendem a se orientar para as estratégias e representações dos falantes em relação a esse lugar (RICKFORD; ECKERT, 2001) – talvez por conta, agora, da forte influência de, por exemplo, teorias do discurso, como a Dialógica, a ponto de Coupland, um dos presentes no Seminário que marca o surgimento da terceira onda, considerar: i) que essa fase variacionista se orienta para o discurso, sendo especificamente isso o que “tem levado [o campo] na última década a uma reconsideração dos escritos teóricos de Bakhtin/Voloshinov” (COUPLAND, 2001, p. 195)²⁴, e

²⁴ No original: “[...] has led over the last decade to a reconsideration of Bakhtin/Volosinov's theoretical writings”.

ii) que é apenas olhando para a variação no seu “ecossistema de significados discursivos”²⁵ que se pode falar em análise sociolinguística (COUPLAND, 2007, p. 9).²⁶

Com esse raciocínio, não julgamos ser incoerente, por um lado, admitir a existência de “ruptura” ou “descontinuidade” epistemológica entre fases da SV e, por outro lado, admitir que “[a] Terceira Onda se constrói sobre as ondas anteriores” (ECKERT, 2016a, p. 01) (porque todo conhecimento novo nasce de um diálogo com o conhecimento anterior) ou que “cada onda refina aspectos da anterior” (ECKERT, 2018, p. xi-xii), conforme destaques da seção anterior. O ponto, então, é produzirmos inteligibilidade sobre o que significa, nesses excertos, por exemplo, os termos “diálogo” e “refina”, respectivamente: nesta seção, a argumentação é a de que “dialogar” e “refinar” está para “transmutar”, e não para “continuar de modo ampliado”, considerando a hermenêutica dos textos de/sobre terceira onda.

Em terceiro lugar, quando falamos em “ruptura” ou “descontinuidade” não estamos desconsiderando que possa haver pesquisas no entremeio, ou seja, pesquisas que não se deixam classificar facilmente como sendo de uma ou de outra fase, uma vez que se operacionalizam com pressupostos e métodos híbridos, suscitando diferentes compreensões entre os analistas.²⁷ A questão, então, é analisar, caso a caso, se o hibridismo se mostra produtivo (porque amplia/complexifica conceitos e métodos) ou se se mostra uma miscelânea, uma mistura que, apenas por modismo, aciona termos novos para velhas concepções.

Nesse sentido, por mais que algumas pesquisas agenciem termos basilares dos estudos de terceira onda, como variação estilística e identidade, a questão é “para investigar o quê”, pois, se, sobre eles, forem projetadas as lentes da primeira onda, por exemplo, com foco em padrões regulares e em generalizações, não se tratará de estudo de terceira onda, porque um dos conceitos fulcrais desses estudos, como o de identidade, corre o risco de ser tomado em termos de categoria fixa (“o capixaba”, “o sulista”, “o brasileiro” etc.), e não em termos de “movimento”, de “performance”, conforme literatura examinada.

Por fim, em quarto lugar, quando falamos em “ruptura” ou “descontinuidade”, não estamos negando o trabalho de ondas anteriores. Sobretudo em contexto brasileiro, as pesquisas variacionistas de primeira onda, que são majoritárias, têm contribuído de modo inegável para a produção de conhecimento sobre língua e sociedade, além de contribuir também para questões educacionais de fundamental relevância social. Não há, portanto, nenhum demérito a fases anteriores da SV com o reconhecimento de uma possível “ruptura” ou “descontinuidade” no campo.

²⁵ No original: “[...] ecosystem of discursive meaning”.

²⁶ Recupere-se também, neste ponto, a afirmação de Camacho (2015) de que a abordagem laboviana, que predominantemente orienta os estudos de primeira onda, ao promover uma aproximação entre linguística e matemática, apartou-se daquilo que seria mais caro ao próprio campo sociolinguístico: “a língua em uso no contexto social, ‘o discurso’” (CAMACHO, 2015, p. 21; grifo nosso).

²⁷ O clássico estudo de Eckert (2000) sobre os *jocks* e os *burnouts* parece ser exemplar, sobre esse ponto: ora ele é referido como representativo dos estudos de segunda onda (ECKERT, 2012), ora como representativo de uma transição entre a segunda e a terceira onda (ECKERT, 2016a) e ora, ainda, como muito próximo da perspectiva da primeira onda (COUPLAND, 2007).

2.2 Como compreender a noção de “ruptura” ou “descontinuidade”

Afastadas algumas inferências equivocadas que a argumentação desta seção pode suscitar, vamos agora ampliar a exposição em tela, tomando como base excertos de alguns dos autores que compuseram o Seminário que marca o surgimento da terceira onda e seguindo os mesmos tópicos de argumentação da seção anterior. Questões sobre estilo são de fundamental importância aqui, porque, conforme Rickford (2001, p. 231), é a partir de preocupações sobre estilo “que finalmente fomos conduzidos para além de uma sociolinguística autônoma” (RICKFORD, 2001, p. 231)²⁸ – afirmação i) que já nos faz inferir que, em algum momento, praticamos uma sociolinguística autônoma e ii) que nos remete também para a centralidade do significado social, na terceira onda, tendo em vista que o estilo, de tudo na vida, volta-se justamente para isso.

Em conjunto, a discussão apresentada a seguir objetiva mostrar que as ondas dos estudos variacionistas não apenas refletem, em alguma medida, o movimento de mudanças observadas na sociedade contemporânea, bem como a resignificação e o reposicionamento, na área, das dimensões linguística, social e estilística, “mas também praticam diferentes concepções de sociedade e das dimensões linguística, social e estilística”.

Na seção anterior, vimos que, para Eckert e Rickford (2001, p. 5-6): i) a divisão entre restrições sociais e estilísticas é altamente permeável; ii) as diferentes visões sobre estilo não são contraditórias ou mutuamente exclusivas; e iii) a consideração dessas diferentes visões nos estudos variacionistas leva-nos a pensar que a língua deixa de apenas refletir o social, para, também, criá-lo.

Sobre o item ii), podemos aplicar o mesmo raciocínio desenvolvido na Subseção 2.1, para assumir que, de fato, as diferentes visões sobre estilo não são mesmo mutuamente exclusivas ou contraditórias (já que parecem se orientar por diferentes metateorias), sendo isso independente da perspectiva de que essas diferentes visões sobre estilo (ou de que as diferentes ondas) sejam um caso ou de continuidade ou de descontinuidade epistemológica. Dito isso, vamos nos limitar a reler, então, o que significam as afirmações i) e iii) dos autores mencionados, conforme a ótica aqui assumida.

Em relação à afirmação i), que retoma a clássica separação entre variação social e variação estilística, recuperamos Bragança (2017) que, em discussão sobre o *locus* da pesquisa variacionista, aponta como essa separação se conecta com a questão da relação teórica (ou da falta dela) entre, respectivamente, sociedade e indivíduo, entre aspectos globais e aspectos locais do uso da língua, conforme a seguinte explanação.

Segundo Bragança (2017), sendo o objeto de estudo da pesquisa laboviana o sistema linguístico usado socialmente, o *locus* da pesquisa é a comunidade de fala, ou melhor, a gramática da comunidade de fala, uma vez que se compreende que a língua é social “e não individual”, do que deriva o interesse, na primeira onda, em sujeitos enquanto membros de uma ordem social – o objeto de

²⁸ No original: “[...] that finally led us most resolutely beyond autonomous sociolinguistics”.

investigação deve ser, portanto, a “língua tal como usada na vida diária por membros da ordem social” (LABOV, 2008 [1972], p. 13). Daí o foco na variação social, e não estilística, nessa fase.

Como consequência dessa perspectiva, insurgem-se muitos autores, alegando, dentre outras coisas, que não há lugar para o indivíduo na teoria laboviana (FIGUEROA, 1994; LUCCHESI, 2012; ECKERT, 2018); e as críticas, nesse ponto, conduzem o campo a um reexame da própria concepção de comunidade de fala, porque, dentre outros aspectos, falta à abordagem clara correlação entre indivíduo e sociedade, bem como, conseqüentemente, falta explicação sobre o papel da língua nessa correlação.

Das discussões suscitadas sobre esse tópico, o campo, em sua segunda onda, admitiu ser necessário o exame de práticas locais da vida quotidiana dos falantes, a fim de se captar como essas se correlacionam com a língua e com as categorias sociais globais. Isso gerou o realinhamento da pesquisa variacionista para lócus que permitam a observação do indivíduo em práticas locais: redes sociais e comunidades de prática, estabelecendo agora, como meta de trabalho, continuar captando a natureza regular do sistema linguístico abstrato, mas investigando também o significado social da variação em contextos socioculturais específicos.

Coupland (2007), contudo, acredita que estudos que se baseiam “em comunidades de prática” – em referência ao trabalho de Eckert (2000) –, embora tenham foco no indivíduo, ainda mantêm “uma perspectiva sobre a estrutura como uma realização potencial da língua” (COUPLAND, 2007, p. 50)²⁹ e, justamente por isso, esses estudos ainda se ocupam notadamente de análises quantitativas – mesma crítica que o autor destina ao estudo de Labov, em *Martha’s Vineyard*. Ademais, o autor chama atenção para o perigo de, ao se dar prioridade à contextualização local das variantes, não se equacionar muito bem a relação entre o que é uso local e/ou individual e o que é uso global e/ou social da língua, uma vez que, com essa inversão de prioridades, corre-se o risco de, mais uma vez, polarizar estrutura pragmática e/ou local e estrutura social.

Avançando um pouco mais, então, o campo passou a admitir também, agora encaminhando-se para a terceira onda, que a análise de usos da língua em contextos específicos evoca também discursos, tendo esse último termo a acepção de “perspectiva ideológica do falante frente às práticas de que participa”. Sendo, pois, contexto e discurso categorias analíticas inseparáveis, o campo, prescindindo de aspectos físicos (lugar espacial/geográfico, interação face a face etc.) evocados pelos lócus anteriores, admitiu, então, também como lócus de pesquisa, a própria “prática discursiva”, tomando-a como prática de estilização dos recursos linguísticos, para projeção de identidades (leia-se: personas, máscaras sociais ou atos de identidade).

É nesse contexto de discussão que estão as considerações de Coupland (2001; 2007) e de Camacho (2013; 2015) de que a terceira onda variacionista se orienta para o discurso, do que nos interessa, nesta seção, o seguinte: é no contexto social dos processos discursivos que se articulam aspectos situacionais e culturais, organização local e estrutura social, o que é pragmático e o que é sócio-histórico, indivíduo e sociedade. Por isso, o estudo da prática social não poderia ser realizado a menos que se conecte com a

²⁹ No original: “[...] a perspective on structure as a potential achievement of language and discourse [...]”.

“prática discursiva”, dado que é nessa instância que “cultura” e “identidade” ganham forma, entendendo cultura, aqui, na esteira de Bauman e Briggs (1990)³⁰, como “um discurso, e nós reproduzimos cultura por meio do desempenho discursivo” (COUPLAND, 2007, p. 107)³¹, de maneira que pertencer a uma cultura é um processo contínuo (de desempenho discursivo).

É nesse sentido que, nos estudos de terceira onda, pela via do discurso, reconhece-se que, teoricamente, em toda atividade linguística, tomada como uma prática discursiva, o social e o individual, o local e o global estão articulados, daí não ser possível separar variação social e variação estilística: toda variação é estilística, estando contida nessa afirmação a perspectiva de que toda variação é social e individual, concomitantemente.

Desfazendo-se, portanto, nos estudos de terceira onda, qualquer oposição entre aspectos sociais e individuais no uso efetivo da linguagem, Coupland adverte que uma abordagem alternativa ao modelo estrutural de variação não pode ser aquela em que a estrutura social esteja fora da questão, porque, “a despeito do poder construtivo da prática, estrutura social e significados socialmente estruturados para variação linguística não desapareceram” (COUPLAND, 2007, p. 52)³², porque “[é] em relação às normas de grupo que a variação estilística se torna significativa; é através de escolhas estilísticas individuais que as normas do grupo são produzidas e reproduzidas” (COUPLAND, 2001, p. 198).³³

Dito isso, retomemos alguns excertos de Eckert e Rickford (2001, p. 5-6; grifos nossos), a fim de reler o ponto i) anteriormente destacado – sobre a divisão entre restrições sociais e estilísticas ser altamente permeável:

Essa ênfase [nos estudos de terceira onda] no estilo como um conjunto de variáveis coocorrentes que estão associadas à própria persona do falante ‘foi um grande desvio dos estudos de estilo precedentes’ e está se tornando cada vez mais importante no estudo da variação. (p. 5).

Algumas dessas pesquisas fazem parte de um movimento no campo variacionista, ‘afastando-se dos modelos puramente estruturais da sociedade que formavam a base original da teoria da variação, para uma visão da variação como prática social. Um foco emergente na agentividade [do falante/sujeito] está levando os pesquisadores a examinar a variação como parte de um processo de construção de identidades e significados sociais’ (California Style Collective 1993, Bucholtz 1996, Eckert 2000) ‘e a ver a variação em termos de relações de produção linguística (Bourdieu 1982) em vez de simplesmente em termos de adequação ao “endereço social”’ (Eckert e McConnell-Ginet 1992). (p. 5)

‘Como este volume mostrará, a própria definição de estilo deve se expandir. Embora a divisão em restrições internas, sociais e estilísticas tenha sido heurísticamente importante, à medida que o trabalho

³⁰ BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles (1990). Poetics and performance as critical perspectives on language and social life. *Annual Review of Anthropology* 19: 59–88.

³¹ No original: “a discourse”, and we reproduce culture through discursive performance”.

³² No original: “Notwithstanding the constructive power of practice, social structure and socially structured meanings for language variation have not disappeared”.

³³ No original: “It is in relation to group norms that stylistic variation becomes meaningful; it is through individual stylistic choices that group norms are produced and reproduced”.

avança no campo, as áreas de sobreposição estão se tornando cada vez mais interessantes'. Ficará evidente neste volume que a divisão entre restrições sociais e estilísticas é, de fato, fina e altamente permeável. (p. 6).³⁴

Por “modelos puramente estruturais da sociedade”, no excerto precedente, compreendemos haver uma referência à mudança de concepção de sociedade que também se verifica entre os estudos de primeira e de terceira onda: se, na primeira onda, opera-se com a teoria social de Durkheim (1978) (SEVERO, 2007; MAY, 2011), sendo, inclusive, esse o lastro da posição relativamente determinista entre sociedade e indivíduo (do social atuando sobre o individual, nessa fase variacionista), na terceira onda, opera-se com um conjunto de novas teorias sociais, advindas de autores como Giddens (2002), Bauman (2005), Bourdieu (2009; 2011) e Hall (2015), dentre outros, que têm em comum, dentre outros aspectos, a concepção de “sujeito pós-moderno”: o sujeito que, a partir do século XXI, é fragmentado, móvel, dado o colapso de identidades tradicionais, muito ligadas ao local (geográfico), o que conduz o campo sociolinguístico à perspectiva de estilos e identidades múltiplas – “diferentemente das concepções anteriores que concebiam uma identidade fixa, essencial ou permanente.” (CASIMIRO, 2021, p. 32).

Nessa mesma direção, acreditamos que, tal como mudanças na estrutura social podem ter motivado mudança de perspectiva epistemológica no quadro das ciências sociais que orienta os estudos variacionistas, esse mesmo tipo de transformação (na estrutura social) pode ter motivado também mudança de perspectiva epistemológica no quadro da(s) teoria(s) linguística(s) que orienta(m) o campo – daí a argumentação de que há descontinuidade epistemológica entre primeira e terceira fases variacionistas.

Por todos esses aspectos, podemos compreender que, quando Eckert e Rickford (2001) afirmam “que a divisão entre restrições sociais e estilísticas é fina e altamente permeável”, não estão querendo dizer que os trabalhos de uma fase variacionista, a primeira – que se concentra, epistemologicamente, em aspectos sociais (por oposição a aspectos individuais) – serão “somados”, ou postos lado a lado, aos trabalhos de outra fase, a terceira – que confere grande destaque ao papel do indivíduo (sem, contudo, tomá-lo em oposição à sociedade, reiterar-se) –, a fim de se promover uma “ampliação” (social + individual) no campo da SV.

Pelo contrário, podemos compreender que os autores estão evocando a epistemologia de terceira onda (que, de saída, concebe que aspectos sociais e individuais estão organicamente correlacionados, nos usos linguísticos), harmonizada com uma epistemologia antropológica e discursiva –

³⁴ No original: “This emphasis on style as a set of co-occurring variables that are associated with the speaker’s own persona was a major departure from the studies of style that preceded, and is becoming increasingly important in the study of variation” [...]. “Some of these explorations are part of a movement in the field of variation away from the purely structural models of society that formed the original basis of variation theory, into a view of variation as social practice. An emerging focus on agency is bringing researchers to examine variation as part of a process of construction of identities and social meaning (California Style Collective 1993, Bucholtz 1996, Eckert 2000), and to view variation in terms of relations of linguistic production (Bourdieu 1982) rather than simply in terms of appropriateness to “social address” (Eckert and McConnell-Ginet 1992). (p. 5). [...] “As this volume will show, the very definition of style must expand. While the division into internal, social, and stylistic constraints has been heuristically important, as work progresses in the field, the areas of overlap are becoming increasingly interesting. It will become apparent in this volume that the division between social and stylistic constraints is a fine and highly permeable one indeed.” (p. 6)

e não estrutural. A consideração, portanto, de que, nessa mais recente fase da SV, a noção de estilo “deve se expandir” pode ser lida como “deve se desenvolver” – para um outro lugar.

Nesse contexto, soa incoerente “somar” elementos de primeira e de terceira onda, na expectativa de que, com isso, se está “somando” a força de aspectos sociais e a de aspectos individuais que, reconhecidamente, impactam os usos linguísticos, conforme destaca a literatura de terceira onda – prenúncio disso é lermos na literatura que sustenta a primeira onda: que “os idioletos não oferecem a base para as gramáticas [...] internamente consistentes” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968], p. 34); que regras ou restrições individuais não têm interpretação e não contribuem para atos de comunicação, por isso “o indivíduo não existe como objeto da linguística” (LABOV, 2001, p. 34)³⁵; e que a comunidade de fala é conceptual e analiticamente anterior ao indivíduo (LABOV, 2010).³⁶

De maneira mais sucinta, agora considerando o item iii), quando Eckert e Rickford (2001) afirmam que “as diferentes visões nos estudos variacionistas levam-nos a pensar que a língua deixa de apenas refletir o social, para, também, criá-lo”, podemos entender o seguinte: os autores, nesse caso, não parecem, novamente, estar somando aspectos da primeira e da terceira ondas (a língua reflete e também cria o social, respectivamente), mas redimensionado a questão, pelo seguinte.

Na primeira onda, tal como o sujeito é um reflexo da estrutura social, estando “costurado” a ela (e, por isso, é tomado do ponto de vista da estabilidade), a concepção de língua dessa fase também se dá por essa via, porque, ao se atribuir aos indivíduos um lugar na hierarquia social, é especialmente frente a essa estrutura e ao lugar a que pertencem que os indivíduos atuam, de modo que variação social, estilística e significado social, nesses estudos, são efeitos de macrocategorias sociais, estando a língua, nesse contexto, a refletir o mundo (empírico)³⁷. O que se deixa escapar, nessa perspectiva, é que a linguagem, por ser constitutivamente ideológica, não reflete (espelha) a realidade, mas a “representa” de uma dada maneira; portanto, a linguagem cria a realidade, conforme um ponto de vista – por isso a noção de “ponto de vista” (leia-se: conteúdo ideológico³⁸ ou discurso) é tão fundamental para os estudos de terceira onda.³⁹

³⁵ No original: “In this sense, the individual does not exist as a linguistic object”.

³⁶ Vale mencionar que, ao situar o estudo linguístico na comunidade de fala, e não no indivíduo, a literatura de primeira onda está em diálogo com linguistas (específicos) e abordagens prévias. Assim, esse conceito teórico representa, por exemplo, um afastamento da tradição neogramática que via a língua como um fenômeno de natureza psicológica. De igual modo, como os estudos de terceira onda dialogam com outras influências históricas, o conceito em tela, nessa literatura, parece ser bem diferente – a ponto de nem se falar mais em “indivíduo”, mas em “sujeito”. Para uma versão sobre a história do pensamento filosófico-linguístico que antecede e influencia a constituição da SV, cf. Lacerda (2021).

³⁷ Não por acaso, por exemplo, há importantes publicações no âmbito dessa fase variacionista que acionam o termo “fotografia”, como se a língua analisada fosse uma imagem “real” da sociedade a que se refere.

³⁸ Eckert (2008), por exemplo, argumenta que o estilo tem origem no conteúdo.

³⁹ Por questões de espaço, não vamos ampliar a discussão desse ponto, mas apenas retomar Figueroa (1994), para quem, considerando as diferentes abordagens sociolinguísticas (quais sejam: as do polo da macrosociolinguística, representada pela Sociologia da Linguagem, pela Etnografia da fala e pela Abordagem interacionista, e a do polo da microsociolinguística, representada,

É nesse conjunto de informações que podemos ler, portanto, o excerto de Eckert e Rickford (2001), quando afirmam que “as diferentes visões nos estudos variacionistas levam-nos a pensar que a língua deixa de apenas refletir o social, para, também, criá-lo”: para nós, os autores não estão somando as duas coisas, mas apontando para um redirecionamento do próprio papel da língua nos estudos da SV, pela via de sua terceira fase.

2.3 Sobre práticas analíticas – continuando a questão

As explicações formuladas até aqui nos permitem reler também, em conjunto, os excertos da seção precedente de Bell (2014), de Coupland (2014) e de Hernández-Campoy (2019), do seguinte modo, com vistas, agora, a tecermos considerações sobre concepções metodológicas: i) se, para Bell (2014), uma abordagem micro e uma abordagem macro sobre estilo não são excludentes, tendo ainda, nos últimos anos de pesquisa, havido um cruzamento crescente e frutífero entre esses níveis; ii) se, para Coupland (2014), uma análise de estilo deve ser holística, atenta a múltiplas dimensões; iii) e se, para Hernández-Campoy (2019), finalmente, o estilo é um fenômeno multidimensional complexo que não pode ser modelado em uma única teoria unidimensional, podemos argumentar que nenhuma dessas considerações parece evocar uma soma dos trabalhos das ondas, pelos seguintes motivos.

Desde Bell (2001), por exemplo, temos uma concepção dialógica de linguagem, de modo que, nessa perspectiva, o micro e o macro já estão epistemologicamente articulados. O “macro” em questão, no excerto do autor, então, não se presentifica com o agenciamento da perspectiva da primeira onda. Além disso, quando esse autor lança luz sobre a audiência da interação⁴⁰, não está especificando exatamente “um” fator motivador da variação, mas sinalizando para “um princípio constitutivo” e central da língua (qual seja: o dialogismo, conforme perspectiva bakhtiniana evocada pelo autor), que “pressupõe um conjunto amplo de aspectos” motivadores dos usos linguísticos (para além da audiência propriamente dita). Nesse sentido, compreendemos que a visão multidimensional da variação, atribuída à terceira onda, já

isoladamente, pela SV), há abordagens que são “realistas”, pois se orientam pela crença de que o mundo existe independentemente do conhecimento que se tem sobre ele e, desse modo, todo conhecimento produzido seria uma descrição exata do mundo, tal como ele é (tal como estamos compreendendo ser a primeira onda da SV); e há também abordagens que são “relativistas”, pois se orientam pela crença de que não há existência independente do conhecimento, ou seja, o conhecimento e a própria realidade são assumidos como contingentes, pois, sob este ponto de vista, é a percepção que cria a realidade (EDWARDS, 2009) (tal como estamos compreendendo ser a terceira onda variacionista). Esse tipo de diferença fez com que o campo sociolinguístico se subdividisse, desde a sua origem, e fez também com que a interação entre os pesquisadores de cada polo ficasse cada vez mais escassa, conforme a SV se estabelecia (ECKERT; RICKFORD, 2001).

⁴⁰ Neste ponto, estamos fazendo referência ao estudo de Bell (1984), na Nova Zelândia, que observou a transmissão de notícias de rádio, em duas diferentes estações, pelo mesmo sujeito. Esse estudo culminou no desenvolvimento da abordagem estilística *Audience Design*, cuja concepção principal é a de que a variação estilística ocorre especialmente em resposta aos membros da “audiência interacional” e que concilia estudos quantitativos com análises qualitativas de fatores interacionais dos eventos de fala (BELL, 2001).

estava presente nos trabalhos de Bell, embora, talvez, não tenha sido operacionalizada, principalmente por esse autor ainda preservar interesses típicos da primeira fase variacionista, focalizando, por exemplo, a análise quantitativa e a generalização de resultados. (BRAGANÇA, 2017).

A julgar por trabalhos que analisaram dados e que representam ou teorizam a terceira onda – quais sejam, dentre outros: o de Zhang (2005), o de Bauman (2001) e o de Irvine (2001) –, essa fase não mais opera com o objetivo de generalizar resultados e, por isso mesmo, embora possa realizar análises quantitativas, tal como o estudo de Zhang (2005), pode também prescindir delas, tal como os estudos de Bauman (2001) e de Irvine (2001)⁴¹, embora esses estudos não percam de vista o objetivo de também captar regularidades, mas agora vistas em termos de princípios e processos de diferenciação social, uma vez que “mais relevante para uma visão sociolinguística de estilo são os “princípios e processos” de diferenciação estilística dentro de um sistema sociolinguístico em constante evolução” (IRVINE, 2001, p. 22; grifos nossos).⁴²

Essa diferença de foco, que parece pequena, na verdade, reconfigura toda a prática metodológica de pesquisa no âmbito da terceira onda, agora focada no “padrão qualitativo da variação estilística na interação e não no padrão quantitativo da variação linguístico-social do grupo” (SCHILLING, 2013b, p. 339)⁴³. A análise, então, começa pela própria busca de compreensão dos aspectos sociais, históricos e culturais que circunscrevem uma dada prática linguística, uma vez que a questão central é investigar o que, em termos de conteúdo ideológico, está subjacente aos usos. Por essa razão, nesse tipo de abordagem variacionista, as categorias de análise não podem ser definidas *a priori*, mas decorrem do próprio exame das práticas observadas. E o meio pelo qual a análise qualitativa dessa fase variacionista se realiza são procedimentos etnográficos, no âmbito do que, conforme adverte Coupland (2007), por exemplo, está o “exame da constituição dos discursos”.

Por todas essas questões, pode-se concluir que a articulação entre aspectos micro e macro, na investigação dos estudos de terceira onda, evoca outra epistemologia, e isso é que faz com que as “técnicas de modelagem” de pesquisa e de “análise” sejam “multinível” e até discrepantes entre si, já que as pesquisas não mais requerem replicabilidade⁴⁴. E, por pesquisa multidimensional ou

⁴¹ Os trabalhos de Bauman (2001) e Irvine (2001) estão publicados em obra que se intitula *Style and sociolinguistic variation*, de modo que, nesses textos, os autores, a partir de uma abordagem antropológica (que integra, ao lado da SV, a base interdisciplinar dos estudos de terceira onda), estão refletindo sobre o processo de variação sociolinguística, importando-nos o modo como discursivizam o objeto (a variação). Suas discussões convergem com preocupações ou metateoria dos estudos de terceira onda e apontam para o tipo de investigação que também pode ser realizada no campo, considerando preocupações de sua terceira fase, voltada, em primeiro plano, para a prática estilística.

⁴² No original: “[...] more important for a sociolinguistic view of style [...] are the principles and processes of stylistic differentiation within a continuously evolving sociolinguistic system”.

⁴³ No original: “[...] located in the qualitative patterning of stylistic variation in interaction rather than the quantitative patterning of linguistic-social group variation”.

⁴⁴ Com essa afirmação, estamos fazendo referência ao clássico desenho de pesquisa replicável, nos estudos variacionistas, qual seja: aquele que, com vistas à identificação de regras variáveis do sistema linguístico e generalizações, observa, em diferentes amostras, um mesmo fenômeno, a partir de mesmas variantes e variáveis. É esse tipo de replicação, na argumentação aqui empreendida, que

multinível, especificamente, a literatura da terceira onda examinada parece entender o seguinte: a perspectiva assumida é multidimensional, porque a investigação se volta para sistemas ideológicos diversos, considerando o pressuposto de que os usos linguísticos ocorrem sob a influência dos seguintes aspectos, além da centralidade do ponto de vista do falante: i) quadro sociocultural; ii) quadro de gênero do discurso; e iii) quadro interpessoal (IRVINE, 2001; COUPLAND, 2001; 2007; ZHANG, 2005). Nesse sentido, a modelagem multidimensional de que falam os estudos de terceira onda, portanto, não aponta para uma soma de modelagens, considerando o realizado em cada uma das fases, a depender dos interesses do pesquisador, mas para uma outra epistemologia.

3. Considerações finais

Este texto teve como objetivo discutir a (in)adequação epistemológica (e teórico-metodológica, por conseguinte) da aproximação entre as ondas da SV, com base em argumentos favoráveis e desfavoráveis à ideia de continuidade/complementariedade entre as fases, especialmente entre primeira e terceira fases.

Por um lado, conforme discussão da Seção 1, podemos estender figurativamente a ideia de bricolagem para o trânsito entre as ondas, de modo que recursos de um cenário sociolinguístico poderiam ser apropriados, ressignificados e re combinados para construir uma nova perspectiva de abordagem, redimensionar caminhos, redesenhar o objeto – tanto em relação à produção quanto à interpretação de um estilo ou de um significado social atrelado à variação. Essa ideia de permeabilidade se coaduna com a visão de que as ondas não são estanques, de que há um continuum entre essas fases variacionistas. Nesse sentido, cabe o apontamento de Eckert (2018) de que a visão laboviana de hierarquia de classes e da relação de linguagem padrão e vernacular com essa hierarquia é apenas o começo de uma teoria do valor social da variação. E, estendendo ainda mais o escopo do olhar, podemos considerar que i) os estudos de significado da terceira onda são parte de um empreendimento variacionista mais amplo; e que ii) uma teoria de variação robusta deve integrar as escalas micro e macro, associando práticas estilísticas locais e padrões macrossociais (ECKERT, 2016b, p. 81).

parece não mais importar aos estudos de terceira onda – embora esses estudos possam se interessar pela replicação de desenhos de pesquisa constituídos para a investigação de princípios e processos de diferenciação social, dado o enfoque linguístico-antropológico da onda, mais voltada para o exame de interações específicas. Daí as “abordagens etnográficas e antropológicas de Coupland (2007) e de Eckert (2008)” (CAMACHO, SALOMÃO–CONCHALO, 2016. p. 48), considerando que o que importa, em primeiro lugar, não é o padrão estatístico descritivo da variação, mas a estrutura ideológica que impregna a variação de significado social (COUPLAND, 2007).

Por outro lado, conforme discussão da Seção 2, podemos recuperar Camacho (2013), que considera que o caminho teórico instaurado por Weinreich, Labov e Herzog, que orienta os estudos de primeira onda, “harmoniza os fatores empíricos da heterogeneidade com o procedimento epistemológico de uma abordagem estrutural” (CAMACHO, 2013, p. 100), ao passo que a terceira onda tem se harmonizado com o procedimento epistemológico de uma abordagem antropológica (IRVINE, 2001; BAUMAN, 2001; CAMACHO; SALOMÃO-CONCHALO, 2016), no âmbito da qual parece estar também uma abordagem discursiva (COUPLAND, 2001; 2007). Diante desse cenário é que também podemos inferir que, considerando a específica questão da Seção 1 (“há ruptura ou continuidade entre as três ondas no modo como entendem e lidam com o significado social?”), há, sim, ruptura, se se consideram os pressupostos que cada uma evoca, ao investigar o significado social da variação, de maneira que o enquadre de uma pesquisa (em uma fase ou outra) reorienta o que se busca e o modo como se busca; reorienta, portanto, o próprio objeto para o qual o analista se volta.

De um modo ou de outro, a literatura examinada faz ver que é pelos estudos de terceira onda que a SV parece levar a cabo, de maneira mais radical, o reconhecimento de que “[...] a evolução dos sistemas linguísticos ocorre em conexão sistemática com a situação sócio-histórica de seus falantes” (CONDE-SILVESTRE; HERNÁNDEZ-CAMPOY, 2012, p. 1)⁴⁵, estando, por isso, o interesse dessa fase mais voltado para “a teorização da organização social”, do que para a teorização do sistema linguístico. Talvez isso justifique a necessidade de a fase “incorporar os recentes desenvolvimentos de outras disciplinas das ciências sociais” (ZHANG, 2005, p. 459)⁴⁶, figurando uma prática de pesquisa transdisciplinar.

“Estas são as palavras de ordem de uma nova onda de pesquisa e de análise” (TAGLIAMONTE, 2012, p. 356)⁴⁷ na SV, cabendo à comunidade acadêmica que se dedica aos estudos variacionistas consubstanciar a questão controversa apontada neste artigo.

Informações complementares

Avaliação e resposta dos autores

Avaliação: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v21i1.2070.R>

Resposta dos autores: <https://doi.org/10.25189/rabralin.v21i1.2070.A>

⁴⁵ No original: “[...] the evolution of linguistic systems occurs in systematic connection to the socio - historical situation of their speakers”.

⁴⁶ No original: “[...] to incorporate recent developments in Other social science disciplines to inform our sociolinguistic analysis”

⁴⁷ No original: “These are the watchwords of a new wave of research and analysis”.

Conflito de Interesse

As autoras não têm conflitos de interesse a declarar.

Protocolo e Pré-Registro de Pesquisa

Avaliando os roteiros propostos pela Equator Network, consideramos que nenhum deles se mostra relevante para a pesquisa em tela. Também informamos que a pesquisa desenvolvida não foi pré-registrada em repositório institucional independente.

Declaração de Disponibilidade de Dados

O compartilhamento de dados não é aplicável a este artigo, pois nenhum dado novo foi criado ou analisado neste estudo.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Richard. The ethnography of genre in a Mexican market: form, function, variation. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 57-77.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BELL, Allan. Back in style: reworking audience design. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 139-169.
- BELL, Allan. **The guidebook to sociolinguistics**. Malden, Massachusetts/Oxford, U.K.: Wiley-Blackwell, 2014.
- BELL, Allan. Succeeding waves: seeking sociolinguistics theory for the twenty-first century. In: COUPLAND, Nikolas. **Sociolinguistics: theoretical debates**. New York: Cambridge University Press, 2016. p. 391-416.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- BRAGANÇA, Marcela Langa Lacerda. **Uma proposta de articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de variação/mudança: reflexões a partir da expressão do futuro do presente**. Tese (Doutorado em Teoria e Análise Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- CAMACHO, Roberto Gomes. **Da linguística formal à linguística social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Um breve retrospectiva da pesquisa sociolinguística. In: PARREIRA, Maria Cristina; CAVALARI, Suzi Marques Spatti; ABREUTARDELLI, Lília; NADIN, Odair Luiz; COSTA, Daniel Soares (Orgs.). **Pesquisas em linguística no século XXI: perspectivas e desafios teórico-metodológicos** (Série Trilhas Linguísticas 27). 1 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 13-27.
- CAMACHO, Roberto Gomes; SALOMÃO-CONCHALO, Mircia Hermenildo. A variação de plural no SN como um indexador de identidade. **Todas as Letras**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 46-63, maio/ago 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n2p46-63>. Acesso em ago. 2022.
- CASIMIRO, Sérgio. A identidade nos estudos sociolinguísticos. In: ANDRADE, Gustavo da Silva. **Estudos linguísticos: do falado ao escrito, do texto ao discurso**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021. p. 30-56.

CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo; HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel. Introduction. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo (Orgs.). **The handbook of historical sociolinguistics**. Blackwell Publishing, 2012. p. 01-08. Disponível em: <http://pt.bookzz.org/book/2152765/fl96fb>. Acesso em: 12 jul. 2016.

COUPLAND, Nikolas. Language, situation, and the relational self: theorizing dialectstyle in sociolinguistics. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 185-210.

COUPLAND, Nikolas. **Style**: language variation and identity. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

COUPLAND, Nikolas. Social context, style, and identity in sociolinguistics. In: HOLMES, Janet; HAZEN, Kirk. (Eds.). **Research methods in sociolinguistics: a practical guide**. Malden, Massachusetts/Oxford, U.K.: Wiley-Blackwell. 2014.

COUPLAND, Nikolas. **Sociolinguistics**: theoretical debates. New York: Cambridge University Press, 2016.

ECKERT, Penelope. **Linguistic variation as social practice**: the linguistic construction of social meaning in Belten High. Oxford: Blackwell, 2000.

ECKERT, Penelope. Style and social meaning. In: RICKFORD, John R.; ECKERT, P Penelope. (Eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 119-126.

ECKERT, Penelope. Variation, convention, and social meaning. Paper Presented at the **Annual Meeting of the Linguistic Society of America**. Oakland, CA. Jan. 7, 2005.

ECKERT, Penelope. Variation and the indexical field. **Journal of Sociolinguistics**, 12(4), p.453-476, 2008. DOI:<https://doi.org/10.1111/j.1467-9841.2008.00374.x>

ECKERT, Penelope. Where does the social stop? In: GREGERSEN, Frans.; PARROTT, Jeffrey K.; QUIST, Pia. (Eds.). **Language variation – european perspectives III**. Selected papers from ICLaVE 5, Copenhagen, June, 2009. Amsterdam: John Benjamins, p. 13-30, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1075/silv.7.02eck>

ECKERT, Penelope. As três ondas do estudo da variação: a emergência do significado no estudo da variação sociolinguística. Tradução de Samuel Gomes de Oliveira, Lívia Majolo Rockenbach e Athany Gutierrez. *Organon*, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 268-291, jan/jun. 2022 [2012].

ECKERT, Penelope. **Third wave variationism**. Oxford Handbooks Online, 2016a. DOI:<https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199935345.013.27>

ECKERT, Penelope. Variation, meaning and social change. In: COUPLAND, Nikolas. (ed). **Sociolinguistics**: theoretical debates. Cambridge: Cambridge University Press, 2016b. p. 68-85.

ECKERT, Penelope. **Meaning and linguistic variation**: the third wave in sociolinguistics. Cambridge: Cambridge University Press. 2018. Disponível em:https://librarylinguistics.files.wordpress.com/2019/04/meaning_and_linguistic_variation.pdf Acesso em: 11 ago. 2022.

ECKERT, Penelope; WENGER, Étienne. What is the role of power in sociolinguistic variation? **Journal of Sociolinguistics**. Reino Unido, 9, 4, p. 582- 589, 2005.

ECKERT, Penelope; LABOV, William. Phonetics, phonology and social meaning. **Journal of Sociolinguistics**, v. 21, n. 4, p. 1-30, 2017.

ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

EDWARDS, John. **Language and identity**: an introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

FIGUEROA, Ester. **Sociolinguistic metatheory**. Pergamon, 1994.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GÖRSKI, Edair Maria; VALLE, Carla Regina Martins. Reconfiguração da sociolinguística variacionista e repercussões para o ensino: questões estilísticas e identitárias. **Estudos linguísticos e literários**, Salvador, n. 63, n. especial, 2019, p. 97-117. DOI: <https://doi.org/10.9771/ell.v0i63.33766>

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HALL-LEW, Lauren; CARDOSO, Amanda; DAVIES, Emma. Social meaning and sound change. In: HALL-LEW, Lauren; MOORE, Emma; PODESVA, Robert J. (Eds.). **Social meaning and linguistic variation: theorizing the third wave**. Cambridge University Press, 2021. p. 27-53.

HALL-LEW, Lauren; MOORE, Emma; PODESVA, Robert J. (Eds.). **Social meaning and linguistic variation: theorizing the third wave**. Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel. **Sociolinguistic styles**. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 2016.

HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel. Stylistic models in sociolinguistics and social philosophy. *JournalLIPP* 7: 1-17, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5282/journalipp/4874>

HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel. Entrevista com o sociolinguista Juan Manuel Hernández-Campoy. Entrevista concedida a Egisvanda Isys de Almeida Sandes, Antonio Manjón-Cabeza Cruz e Elena Fernández de Molina Ortés. *Rev. EntreLinguas*, Araraquara, v. 6, n. 1, p. 22-36, jan./jun., 2020. DOI: <https://doi.org/10.29051/el.v6i1.13728>

IRVINE, Judith. "Style" as distinctiveness: the culture and ideology of linguistic differentiation. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 21-43.

KENDALL, Tyler. Data in the study of variation and change. In: CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING, Natalie. (Eds.). **The handbook of language variation and change**. 2 ed. Cambridge: Blackwell, 2013. p. 38-56.

KIESLING, Scott F. Constructing identity. In: CHAMBERS, Jack K.; SCHILLING, Natalie. (Eds.). **The handbook of language variation and change**. 2. ed. Oxford, U.K.: Blackwell, 2013. p. 448-467.

LABOV, William. Field methods of the project on linguistic change and variation. In: BAUGH, John; SHERZER, Joel (Eds.). **Language in use**. Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1984. p. 28-53.

LABOV, William. **Principles of linguistic change: social factors**. Cambridge: B. Blackwell, 2001.

LABOV, William. **The social stratification of english in New York City**. 2. ed. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics. Cambridge: Cambridge U. Press, 2006 [1966].

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, William. **Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors**. Oxford: Wiley Blackwell, 2010.

LACERDA, Marcela Langa. Breve percurso histórico de abordagens linguísticas que antecedem e influenciam a constituição da sociolinguística variacionista. *Revista do GEL*, v. 18, n. 1, p. 68-100, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v18i1.3046>

LUCCHESI, Dante. A Teoria da variação linguística: um balanço crítico. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 41(2): p. 793-805, maio-ago 2012.

MAY, Guilherme Henrique. **Labov e o fato social**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

MILROY, Lesley. **Language and social networks**. Oxford: Blackwell, 1980.

MILROY, Lesley; GORDON, Matthew. **Sociolinguistics: method and interpretation**. Oxford: Blackwell, 2003.

RICKFORD, John R. Style and stylizing from the perspective of a nonautonomous sociolinguistics. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Eds.). **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 220-231.

RICKFORD, John R.; ECKERT, Penelope. Introduction. In: ECKERT, Penelope; RICKFORD, John R. (Eds.). **Style and sociolinguistic variation**. 2001. p. 01-18.

SCHILLING, Nathalie. **Sociolinguistic fieldwork**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013a.

SCHILLING, Nathalie. Investigating stylistic variation. In: CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING, Natalie. (Eds.). **The handbook of language variation and change**. 2 ed. Cambridge: Blackwell, 2013b. p. 327 - 349.

SEVERO, Cristine Gorski. **Por uma perspectiva social dialógica da linguagem: repensando a noção do indivíduo**. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SILVERSTEIN, Michael. Indexical order and dialectics of sociolinguistic life. **Language & communication**, University of Chicago, 23, p. 193-229, 2003. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0271530903000132> Acesso em: 11 ago. 2022.

SHUY, Roger W. A brief history of American sociolinguistics 1949-1989. In: PAULSTON, Christina Bratt; TUCKER, G. Richard (Eds.). **Sociolinguistics: the essential readings**. Malden: Blackwell Publishing, 2003. p. 4-16.

TAGLIAMONTE, Sali. A. **Variationist sociolinguistics**: change, observation, interpretation. Cambridge: Wiley – Blackwell, 2012.

VANDENBERGHE, Frederic. Globalização e individualização na modernidade tardia: uma introdução teórica à sociologia da juventude. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 19, n. 1, 2014, p. 265-316.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

ZHANG, Qing. A Chinese yuppie in Beijing: Phonological variation and the construction of a new professional identity. **Language in Society** 34(3), p. 431-66, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0047404505050153>